

GABRIELA PADOVAN SALGUEIRO

Stop Motion

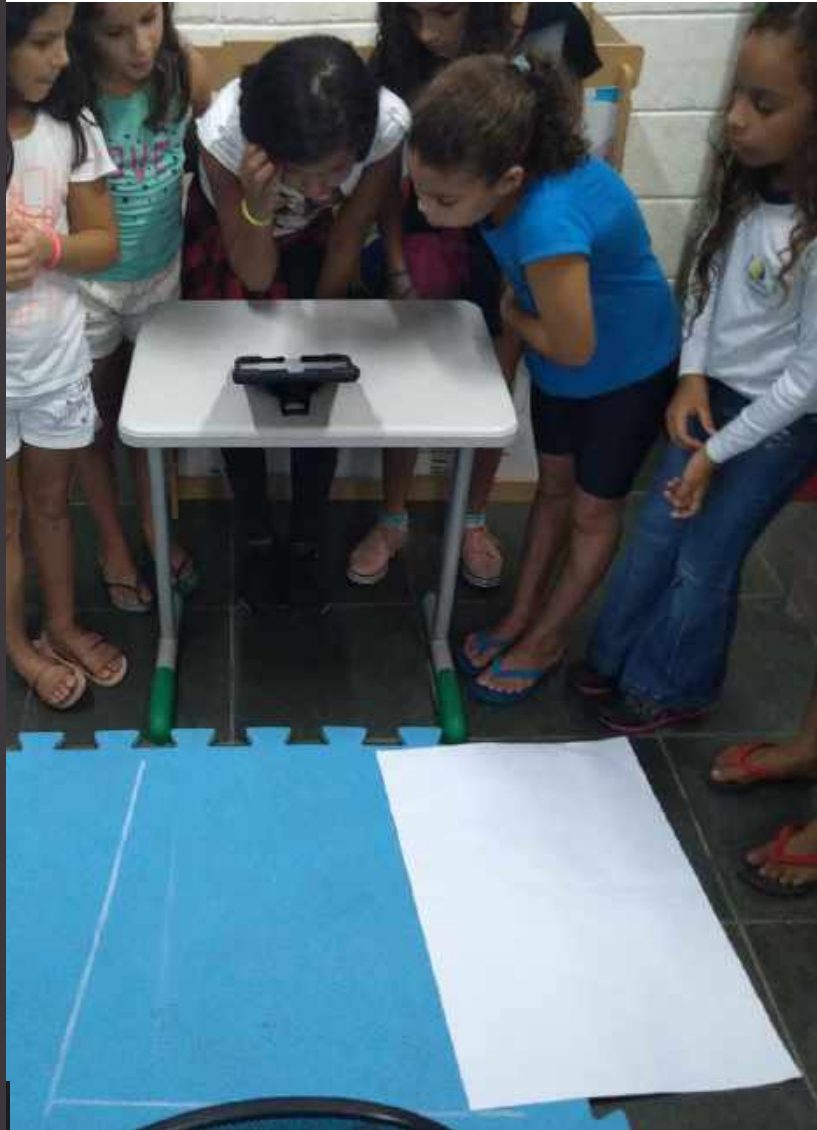
COMO FERRAMENTA DE EXPRESSÃO



Por que Stop Motion?

A oficina de Stop Motion visa, através do trabalho com tecnologia, trazer para a sala de aula conhecimentos, hábitos e atitudes importantes para a aquisição de novos saberes e habilidades, que se transformarão em competências que acompanharão o aluno por toda a sua vida.

O Stop Motion é uma das mais antigas técnicas de animação e, mesmo com todo o avanço tecnológico, é uma técnica que continua encantando adultos e crianças; isso pode se justificar por diversos fatores: objetos reais reagem à luz de forma diferente dos objetos criados por computação gráfica; ao fato do manipulador dos objetos poder imprimir a sua personalidade neles e, é claro, que a magia de poder dar vida à



objetos inanimados é também um dos grandes baratos dessa técnica.

Desta forma, a oficina busca, a partir desse objeto de paixão das crianças, a animação, trazer para a sala de aula mais um recurso de comunicação e expressão, trabalhando de forma lúdica, mas com objetivos bem determinados, afinal de contas, quem disse que aprender tem que ser chato?

Nas fotos podemos observar um dos aspectos trabalhados durante a oficina, onde os alunos foram incentivados a trabalhar em equipe e com autonomia. Na foto acima, os alunos estavam observando o espaço captado pela câmera do tablet; na foto ao lado, observamos os alunos produzindo os elementos para a vinheta do grupo.

Etapas do Trabalho

As oficinas desenvolvidas no PEII Itaquanduba acontecem de forma eletiva, sendo assim a primeira etapa é a de mostrar aos alunos o que é o Stop Motion e como o trabalho será desenvolvido em sala.

Com as turmas montadas é proposto aos alunos que escolham um nome para o grupo, esse processo visa trabalhar o 'Brain Storm' e a democracia no momento da escolha, bem como fazer com que os alunos se sintam pertencentes a uma equipe.

Nome escolhido, é pedido aos alunos que criem uma vinheta para o grupo; neste momento fazemos uma pesquisa sobre as vinhetas que eles conhecem e como elas são importantes para reconhecermos as produtoras dos filmes.



Partimos então para a decupagem do roteiro, fazendo uma lista de todo material necessário e quem será responsável por cada etapa.

Embora essa etapa pareça simples, ela é muito importante para que o grupo se alinhe; é uma etapa demorada, pois é quando grande parte dos conhecimentos teóricos são apresentados e em seguida praticados.

Nesta etapa, também iniciamos o trabalho com a autonomia: é um processo lento pois os alunos ainda estão muito acostumados a "depende" do professor para a mediação de conflitos, para usar o material da sala e buscar aprovação a cada nova escolha do grupo.

Nas próximas páginas falaremos sobre cada um dos grupos, suas especificidades e caminhos escolhidos.



DinoFilmes

Formado por alunos dos 1º, 2º e 3º anos, esse grupinho se inspirou na vinheta da MGM para criar a sua própria vinheta, mas ao invés do famoso leão o animal escolhido foi um dinossauro.

A produção dos objetos de cena foi bem tranquila, os alunos conseguiram se separar bem, sem percalços. Mas o momento da filmagem nos exigiu muitas mudanças; como estávamos trabalhando com o tablet para tirar fotos, era essencial que os alunos que estavam mexendo os objetos de cena confiassem no olhar dos alunos responsáveis pelas fotos - neste momento o diálogo é a ferramenta mais importante.

E como uma pequena mudança faz toda a diferença, no comecinho de maio recebemos uma aluna nova e ela fez com que o diálogo e a escuta passassem a fazer parte da rotina do grupo. Pude perceber durante as aulas que o que mais faltava à grande parte dos alunos era a confiança necessária para se expor, para falar sobre suas ideias e percepções.

Neste grupo específico tínhamos um aluno que fora da sala era muito agressivo com os colegas, isso fez com que o grupo o deixasse de lado durante as atividades; ao perceber isso, fizemos uma roda no final da aula onde expus o caso para o grupo todo. Conversamos sobre as atitudes dele e como elas refletiam na confiança de todos, depois desse caso, dentro da oficina de Stop Motion, pude notar uma grande diferença em suas atitudes, tentando ser doce, proativo e querido com todos (não posso dizer que essa atitude mudou o aluno, mas naquele momento, quando estávamos em sala, ele demonstrou um outro lado).

Claro que durante as filmagens o desejo da maioria sempre era ficar responsável em mexer o dinossauro, os alunos dividiram essa tarefa, mas sempre conversávamos sobre valorizar as melhores habilidades de cada um. Outro conceito abordado foi a da lateralidade, visto que eles precisavam mexer as letras para cima ou para baixo, para a direita ou esquerda: o mais bacana foi que uma das alunas mais caladas do grupo e que sempre se mostrou muito alheia

notou que os alunos que mexiam as letras e os que estavam no tablet ficavam de frente uns para os outros, ou seja, os comandos de direita, esquerda, para cima e para baixo ficavam espelhados, causando confusão na hora de mexer os objetos.

A partir de junho, o grupo se mostrou muito bem estruturado, conseguindo o tão sonhado trabalho orgânico, com todos se ajudando, conversando e se ouvindo; notei que os alunos passaram a se observar mais e a notar quando o outro precisava de ajuda. E como essas aulas eram bonitas de se ver! Isso fez com que o trabalho andasse muito rápido e logo terminamos. Passamos então à criação do roteiro para o filme do segundo semestre...

Trabalhamos com o 'Brain Storm' e neste momento notei como a maioria dos alunos sugeriu histórias já conhecidas por eles; conversamos sobre não ser possível copiar o que já existe e dentro do 'Brain Storm' surgiu a história do Dino, um dinossauro que perde os pais, vai para o Norte em busca de amigos, encontra um pinguim e atravessa o oceano, até o fim do mundo, onde faz novos amigos.

Esse roteiro acabou se tornando a base para um filme feito em conjunto por todos os grupos durante o segundo semestre.



Formado por alunos dos 1º, 2º e 3º anos, esse grupo escolheu o Gigante como seu logotipo, e para a vinheta bolaram que esse gigante seria construído por formas geométricas e estaria andando. Quem diria que o simples ato de andar nos traria tantas questões e tantas conversas? Como o braço e a perna se movem quando andamos? Esse grupo também me fez notar como eu tinha dificuldade em dar autonomia para os pequenos, muitas vezes me vi intervindo sem nem pensar... Mas acabei conseguindo e, quando consegui, eles também conseguiram, se organizando sozinhos.

O grupo era muito proativo e muitos líderes surgiram, isso deixou um dos alunos muito contrariado, pois ele se considerava mais esperto do que os outros sendo este um momento muito difícil. Esse aluno se destacava no período regular, mas essa bagagem, por mais incrível que fosse, não era a única ali naquele momento, precisávamos do trabalho em equipe, da empatia, de habilidades e competências da área das artes e esse não era o forte dele.

Foi justamente neste grupo que uma das alunas mais caladas se destacou, essa era daquelas tão, mas tão quietinhas, que as vezes a perdemos na sala, mas como ela tinha 'boas sacadas' compreendeu de cara como montar o gigante, como fazê-lo andar e conseguia fazer cada foto sem precisar que o pessoal que estava no tablet lhe dissesse o que fazer. Meu maior desafio foi fazê-la entender e acreditar em si mesma; durante todo o ano reforcei o quanto ela era importante e o quanto ela poderia ajudar o grupo com essa habilidade tão única de observar pequenos detalhes, de notar erros e conseguir olhar para o todo. Quando chegamos perto do final do ano, percebi que ela estava mais confiante, mas ainda falta conseguir conversar com o outro: apesar de se mostrar com atitudes e ajuda aos colegas, mas só se coloca verbalmente quando solicitada.

Uma das coisas bem bacanas que esse grupo fazia durante as aulas era usar o "pedra, papel e tesoura" quando precisavam tomar uma decisão e não chegavam à um acordo, para eles, a tática deu certo...

Mas de todas as vinhetas, a deles era a mais difícil! Quem diria que esse grupinho me faria pensar em tantas maneiras diferentes de explicar como o corpo se mexe ao andar? Levamos MUITO tempo para terminar a vinheta, mas o grupo me encantou e a cada aula eu pensava: "eles vão desistir desse gigante, vão jogar todas as partes no lixo...", mas eles não desistiram, foram até o final, a cada aula me surpreendendo mais! E não é que o gigante andou? Andou de um jeitão só dele, de um jeitão único, como o de cada um dos alunos dessa oficina, que me fizeram refletir sobre a minha prática, me fizeram repensar sobre o meu papel como professora e me fizeram acreditar que seria possível, como foi!

Na foto abaixo observamos os alunos no começo da aula, se organizando para começar a trabalhar. Ainda estávamos no momento em que eles esperavam que eu separasse todo o grupo, mas eu já estava no momento de deixá-los sozinhos, por isso as carinhas entediadas...



Ratinho Explorador Filmes

Formado por alunos dos 1º, 2º e 3º anos, esse grupo escolheu o ratinho como mascote, foi a vinheta que mais demorou para ser produzida e filmada.

O cenário foi todo feito de feltro, cheio de elementos que demandaram uma atenção muito grande dos alunos em todas as etapas mas, mesmo com toda dificuldade e demora em todas elas, esse grupo se mostrou sempre muito paciente, atento e orgânico durante o trabalho; embora formado por crianças tão novas, o grupo era muito perfeccionista e cheio de ideias - talvez a maior intervenção que eu tenha feito com o grupo foi no sentido de segurar um pouco as ideias, de explicar que não poderíamos ter tudo ali e que eles precisavam decidir o que era mais importante para passar a ideia central.

Talvez seja até esse o motivo de eu ter tão poucas anotações e comentários em meu caderno sobre o grupo.

Mas foi muito gostoso fazer o trabalho com eles; quando estávamos no meio das gravações, por exemplo, eles decidiram que as folhas das árvores iam cair e depois nascer de novo, e como ficou bonito de ver o filme...

Eles não se importaram que estava demorando, fazendo tudo sempre com calma, quem os acelerava era eu... Quando estávamos do meio para o final da gravação da vinheta, comecei a dizer que eles tinham vinte segundos entre cada foto, normalmente levavam um minuto, e levamos isso como uma grande brincadeira, sempre contando até 20 cada vez que uma foto era tirada!



Nas fotos desta página podemos observar três momentos diferentes das gravações. Na primeira foto a aluna mostra para o grupo algum detalhe que precisa ser arrumado no cenário. Na segunda foto podemos observar os alunos mexendo no cenário, mas olhando para o projetor, uma habilidade que eles adquiriram com muita facilidade. Na terceira foto vemos como as mãos mexem em todas as partes ao mesmo tempo e mesmo assim não tivemos nenhum tipo de conflito. Note que cada parte de cenário é um recorte diferente e que isso requereu deles uma grande atenção aos detalhes.

Uma produção conjunta

Terminamos a maioria das vinhetas no final do primeiro semestre; o grupo Dino já tinha um esqueleto do roteiro pronto e senti que, talvez, não seríamos capazes de dar conta de três filmes diferentes. Refleti muito sobre a frustração que isso poderia gerar nos alunos, então propus aos três grupos que trabalhassem juntos na produção do filme do Dino; para minha surpresa, todos toparam e foi delicioso perceber o quanto um grupo se preocupava com o outro!

Iniciamos o processo fazendo a decupagem do roteiro, cena a cena, conversando sobre os sentimentos e elementos necessários para cada uma. E mesmo que os grupos nunca tenham trabalhado ao mesmo tempo, não é possível perceber no filme onde termina o trabalho de um grupo e começa o do outro.

O filme tem muitos elementos e todos eles foram tratados com muito carinho por todos os alunos; decidimos tudo juntos: eles fizeram desenhos dos personagens e votamos os escolhidos para serem os principais. Minha única intervenção no trabalho foi a de montar a articulação dos bonecos de papel, pois alguns cortes são bem pequenos e o uso do estilete era necessário.

O resultado final, bem como as vinhetas pode ser visto clicando aqui: [Dino e a grande busca](#).

A sonoplastia das vinhetas foi feita pelo professor de música, Elvis, na oficina de música, mas a do filme final foi escolhida pelas crianças. Também é possível observar no filme que todas as crianças participaram da criação do cenário, assim, contemplamos os desenhos de todos, que se sentiram representados no filme. Sim, o filme é curtinho, mas tiramos mais de 1.000 fotos!!!!



Na foto acima observamos as crianças na produção dos personagens e elementos do filme. Na foto abaixo podemos perceber o tamanho do cenário utilizado no filme, os alunos se dividiram para trabalhar nos personagens e no cenário.



Na foto abaixo vemos a sala pronta para o dia de filmagem. As crianças trabalharam com equipamento profissional e demonstraram um cuidado e um respeito enormes, trabalhando com um baita cuidado. Não tivemos nenhum incidente, mesmo a câmera estando sobre a mesa no tripé.



Na foto abaixo os alunos trabalhando durante as filmagens, é possível observar na tela do computador o que é projetado na parede da sala.



Farinha do mesmo saco

Esse grupo, formado por alunos dos 4º e 5º anos, provavelmente foi um dos mais ativos das oficinas de Stop Motion. Criaram o nome e o roteiro da vinheta super rapidinho e foram criativos e divertidos durante todo o processo! Foi uma turma muito gostosa de se trabalhar, pois todos eles tinham sido meus alunos desde a primeira série, o que facilitou minha relação e interação com todos - eu sabia onde podia pegar mais pesado com um, quando conversar de cantinho com outro: sinto que esse laço que eu já tinha com os alunos mais velhos facilitou muito.

Já na vinheta, o grupo explorou todos os cantinhos do PEII, além disso eles tiveram o cuidado de ter uma formiga para cada um do grupo, até pra mim - eu sou a formiga grande e gorda. Sim, o senso de humor era um dos pontos fortes do grupo e era a forma como nós nos comunicávamos, sempre rindo e fazendo piadas! O trabalho com eles foi muito prazeroso.

No segundo semestre a demanda do grupo era criar a "intro" para o canal do PEII no YouTube e a aula de YouTube era ministrada por outra professora.

Além de bem humorados, eles eram também muito criativos, deixando o roteiro incrível! Eles partiram do princípio que estar no PEII é como estar em um lugar mágico e na "intro" podemos ver que o ônibus vai passando por árvores escuras, árvores comuns, até passar por árvores mágicas e chegar ao PEII. O processo da produção dos elementos foi muito longo, todos nós metemos a mão na massa! Ensinei a dois alunos o processo de fazer a articulação e eles ensinaram aos outros.

Além de todas as qualidades que eu já mencionei, o grupo foi também empático, pois um dos outros grupos estava atrasado em sua demanda e nós tínhamos um prazo; eles pararam todo o trabalho deles para, no momento da sua aula, fazerem a filmagem do outro grupo.

É muito pessoal para mim falar sobre essa turma, pois grande parte deles já se formou e deixou uma marca imensa em mim, acho que amor é a palavra...



Nas fotos desta página podemos ver imagens tiradas dos filmes produzidos pelo grupo, i

Para assistir os vídeos criados pro esse grupo, [clique aqui!](#)

Máquina Fantástica

Esse grupo era formado por alunos dos 4º e 5º anos. O fator mais desafiador desse grupo é que conseguimos juntar muitos líderes em um grupo só, foi incrivelmente provocante! Além disso, o grupo também era muito criativo e cheio de ideias, o que levou o processo de escrever o roteiro a demandar muito mais tempo que o esperado. Isso porque, embora o grupo fosse cheio de líderes, eles eram todos democráticos e faziam questão de ouvir a opinião de todos.

Demorou um bom tempo para cada um deles encontrar o seu lugar dentro do grupo e para entenderem que, embora o diálogo e a democracia sejam de extrema importância, as vezes é necessário tomar rápidas decisões para um bom andamento da evolução do trabalho.

A demanda desse grupo era fazer um vídeo para a introdução do hino do PEII, que naquele ano abriria o Festival de Música de Ilhabela - o festival acontece na cidade desde 2014 e crianças de todas as escolas participam com músicas de sua própria autoria - e abrir o festival foi uma grande honra! Em função disso, optamos por criar bonecos articulados que dançariam no ritmo da música.

Que desafio, cada aluno fez o seu boneco! Ensinei duas alunas a fazer as articulações e elas ficaram responsáveis por ensinar todos os outros alunos. Esse processo é demorado mesmo, mas levou mais tempo do que eu previ: tivemos que recorrer aos outros alunos de Stop Motion e foi lindo de ver, todo mundo parou o que estava fazendo para ajudar nas filmagens! Deu tempo, ufa!

O mais legal de tudo isso? Como o trabalho deles estava pronto, eles se permitiram a ajudar os outros grupos, tendo pelos outros o mesmo carinho que tinham recebido.

Para assistir os vídeos criados pro esse grupo, [clique aqui!](#)



Na foto acima podemos observar o momento em que uma das alunas ensina os outros o passo a passo da montagem do boneco articulado.



Na foto acima o professor Elvis e alguns alunos do grupo fazem o filme que serviu de referência para os movimentos dos bonecos. Abaixo o momento que os alunos do Farinha do Mesmo Saco trabalhavam nas filmagens, dando suporte para o Máquina Fantástica.



Abaixo vemos os personagens criados pelas crianças, o mais bacana é observar que cada um imprimiu sua personalidade nos bonecos!





Na foto acima podemos ver um dos momentos de filmagem da vinheta do grupo,



Na foto acima e abaixo podemos ver cenas tiradas do filme "Aventura na Biblioteca". Foram muitos dias de gravação, fizemos muita bagunça na Biblioteca, mas que delícia ter as portas abertas aos alunos,! Tenho certeza de que ressignificamos esse espaço para as crianças e somos muito gratos à todos os funcionários que foram sempre muito queridos conosco.



Maluquetes do Pedaco

Esse grupo, formado por alunos dos 4º e 5º anos, me desafiou muito, com exceção de um aluno, que costumava se colocar muito, expor suas ideias, durante as aulas; o restante do grupo era muito calado, dificultando muito o nosso trabalho que era, em sua essência, baseado no diálogo entre os membros do grupo.

O mais frustrante era saber que eu tinha ali crianças absolutamente criativas, mas que tinham medo de se expressar, algumas vezes conseguindo, mas aí, o que lhes faltava, era um líder...

Mas foram conseguindo se organizar, compraram doces para a vinheta, dividiram o valor entre eles, e entre silêncios e momentos de olhar para o teto sem saber o que fazer... a vinheta saiu.

Veio então uma proposta desafiadora: criar um filme para a biblioteca do bairro, que instigante!

Fomos à biblioteca conversar com o responsável pelo local, que foi super aberto em responder todas as perguntas das crianças e mostrar o seu funcionamento. Voltamos à sala e os alunos passaram a trabalhar no roteiro.

Neste grupo tínhamos um aluno MUITO criativo, mas que era ignorado em suas propostas pelos colegas; neste momento, vi que deveria intervir e passei a incentivar as visões desse aluno. Com o passar do tempo, ele passou a ser ouvido pelos colegas e sinto que ganhou um destaque muito importante.

Durante as gravações a proatividade fez muita falta... Dentro do grupo, poucos tomavam atitudes e muitas vezes voltávamos para a sala para conversar sobre a falta de vontade deles, que eu sabia do grande potencial do grupo e que esperava mais deles. Tivemos muitos momentos em que eu fiz essa fala e aos 45min do segundo tempo, não é que eles deram conta?! Conseguiram se organizar e o filme ficou lindo! [Clique aqui para assistir!](#)

Um presente para os alunos

Começamos trabalhando as vinhetas usando o meu tablet, mas eu queria mais... Queria poder proporcionar aos alunos o uso de ferramentas profissionais, desejava muito que eles pudessem ter essa experiência. Já no começo do ano comprei uma máquina profissional, eu já tinha um bom computador e tínhamos o projetor no PEII, mas esse desejo ficou de lado nos primeiros meses de aula...

Mas, quando eu vi as crianças se envolvendo e desenvolvendo trabalhos tão incríveis, essa chama tomou conta de mim; fui atrás de produtores de Stop Motion que sigo em redes sociais e quando perguntei qual era o melhor programa de Stop Motion, todos foram unânimes: DragonFrame. Fui procurar, encontrei, mas estava além do que a escola podia pagar. Pesquisei outros programas, mas eles não tinham tudo o que eu queria, o que fazer?

Uma amiga sugeriu uma "vaquinha online", e foi o que eu fiz; arrecadamos quase todo o dinheiro necessário e eu consegui comprar o programa! Os alunos sabiam da vaquinha e estavam sempre perguntando, foi uma das experiências mais incríveis da minha vida poder proporcionar isso para eles!!

Durante o recesso de julho estudei o programa e fiz um Stop Motion cheio de erros propositais para os alunos; na volta do recesso, levei uma sacola de doces e o vídeo do Eslavoavo para a sala de aula: nossa atividade era ver o filme e apontar todos os erros de gravação; eles viram alguns erros que "errei sem querer" e tantos outros que estavam lá para serem vistos e quando um aluno encontrava o erro no vídeo, ganhava um doce da sacola.

A atividade visava prepará-los para as nossas filmagens, para que todos estivessem sempre atentos! Deu certo, eles adoraram o Eslavoavo.



Embasamento teórico e implicações práticas

Embasamento teórico que sustentou e norteou cada etapa do projeto.

A oficina tem como objetivo trabalhar a tecnologia em sala de aula, tendo as Competências Gerais da BNCC como base norteadora. Dentro da oficina os alunos são instigados a:

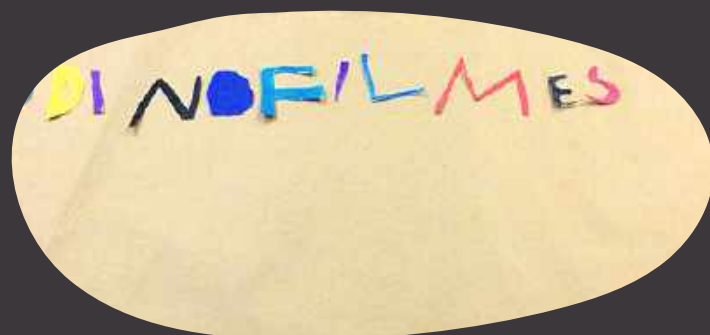
- ♥ trabalhar em grupo com autonomia para resolver seus problemas e juntos encontrar soluções;
- ♥ exercitar a curiosidade intelectual, a investigação, a reflexão, a análise crítica, a investigação e a criatividade;
- ♥ utilizar a linguagem digital para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos;
- ♥ compreender e utilizar a tecnologia digital de forma crítica, significativa, reflexiva e ética para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer o protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva;
- ♥ exercitar a empatia e o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação;
- ♥ agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários.

Dentre as competências específicas para a área de Arte temos ainda:

- ♥ a compreensão das relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso de novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual;
- ♥ experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte;
- ♥ mobilizar recursos tecnológicos como forma de registro, pesquisa e criação artística;
- ♥ desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.



Na foto acima observamos as crianças produzindo o personagem da vinheta do grupo "DinoFilmes", cada parte do grupo trabalhou em um elemento diferente e a divisão do grupo foi feita pelos próprios alunos, onde cada um escolheu a atividade em que se sentia mais confortável.



Na foto abaixo, parte do grupo "GiganteFilmes" trabalhando com as letras da vinheta. Este grupo tinha o aluno Thawan (em pé na foto) como líder de equipe, sua função era auxiliar os colegas e garantir que tivessemos todas as letras.



Matthew Lipman

Filosofia na sala de aula



Na foto acima o grupo discutia com a professora a questão do ângulo da câmera e como ele é diferente das coisas percebidas pelo olho humano. Levando então os alunos a pensar em como montar a vinheta para que ela ficasse como imaginada por eles durante a criação do roteiro.



Na foto abaixo o grupo "MDP" estava fazendo os testes de câmera para entender o que era captado e como eles deveriam montar o cenário.



A oficina de Stop Motion requer um trabalho muito afinado entre os alunos; o diálogo e o trabalho em equipe são ferramentas essenciais para que o filme possa ser executado, desde a elaboração do roteiro, produção de cenário e objetos, até a gravação e edição.

Todos os trabalhos realizados na oficina de Stop Motion começam com uma ideia, que deve ser discutida e aprovada por todo o grupo para que se possa iniciar um roteiro. Mas toda ideia funciona? Toda a ideia é boa? É aí que entra o pensamento reflexivo na oficina: é preciso descobrir o que faz de uma ideia, uma BOA ideia.

Nesse momento a turma é chamada ao diálogo, os alunos devem expor seus pontos de vista, ponderar, refletir e exprimir novas ideias, até que se chegue ao melhor resultado; sobre o diálogo e sua importância na vida da criança Lipman diz:

"(...) consideremos a relação entre pensamento e diálogo. A pressuposição mais comum é de que a reflexão gera diálogo, quando na realidade é o diálogo que gera a reflexão. Quando as pessoas se envolvem num diálogo são levadas a refletir, a se concentrar, a levar em conta alternativas, a ouvir cuidadosamente, a prestar muita atenção às definições e aos significados, a reconhecer alternativas nas quais não havia pensado anteriormente e, em geral, realizar um grande número de atividades mentais nas quais não teria se envolvido se a conversa não tivesse ocorrido."

Todo o processo da oficina de Stop Motion é desenvolvido para que os alunos trabalhem em equipe de forma organizada e tendo o diálogo como principal ferramenta. Mas o trabalho visa, também, a autonomia: os alunos são os responsáveis pela organização de todo o trabalho e da sala e devem se dividir em equipes para que tudo funcione bem. A mediação acontece no sentido de auxiliar os alunos a encontrarem soluções para os problemas por si mesmos. Essa tática auxilia, inclusive, na autoestima, uma vez que as crianças entendem que não precisam do adulto para resolver seus problemas; dessa forma, cada vez menos pedem auxílio ao professor para a resolução de conflitos.

A avaliação está presente em todos os momentos da oficina e ela acontece durante as aulas, no momento em que os alunos estão realizando o trabalho; esse acompanhamento é feito através da observação, nenhuma intervenção é feita durante a aula, a não ser que seja extremamente necessário.

Ao final de cada aula, os alunos se sentam em roda e se inicia um momento de reflexão sobre o dia de trabalho e o que cada um sentiu. A professora mediadora também fala sobre o que observou durante a aula - aspectos positivos e negativos - e junto com os alunos traçam metas para que o grupo tenha um melhor desempenho na próxima aula.

Segundo Hoffmann:

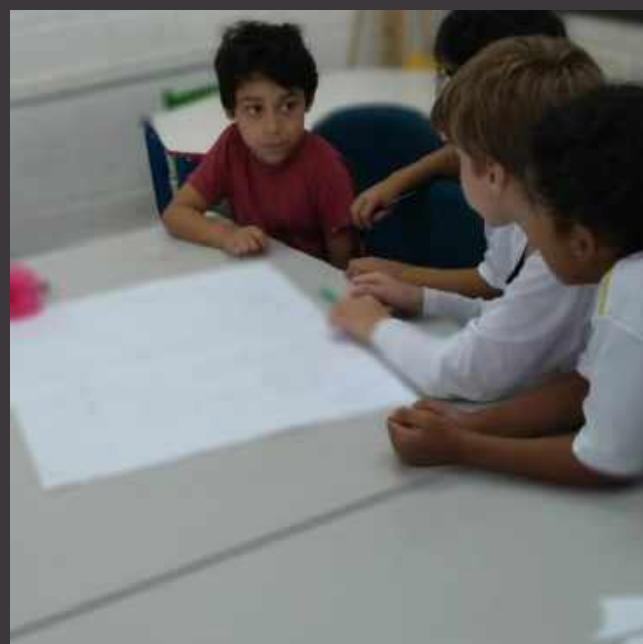
"O que pretendo introduzir neste texto é a perspectiva da ação avaliativa como uma das mediações pela qual se encorajaria a reorganização do saber. Ação, movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista, trocando ideias, reorganizando-as".

Ao final de cada bimestre os alunos são convidados a realizar uma autoavaliação: neste modelo, os alunos descrevem o que sentiram durante a oficina, o que aprenderam e o que ainda querem aprender; devem também refletir sobre sua participação e interação com o grupo, sendo solicitado que avaliem a atuação da professora e que indiquem o que pode ser melhorado em sua prática; por fim, cada aluno estipulava um meta para si próprio, tendo como foco os aspectos encontrados na sua auto-avaliação que não foram positivos para si e/ou para o grupo.

Esse formato visa favorecer o aluno na descoberta de que ele é agente de suas próprias mudanças, que a reflexão sobre suas atitudes visa que se torne um ser humano crítico quanto às suas ações e, desta forma, se torne alguém melhor e mais empático, pois quando refletimos sobre nossas ações e entendemos que nem

sempre iremos acertar, mas que podemos melhorar, conseguimos entender que esta mesma ação pode acontecer com outro ser humano.

Um dos aspectos mais importantes observados nas autoavaliações dos alunos foi o fato de que grande parte deles descreveram que o aprendizado mais significativo durante a oficina foi o trabalho em equipe. Essa observação também foi feita pela professora, visto que a cada aula os alunos trabalhavam de forma mais orgânica; os conflitos entre eles foram se resolvendo de forma mais simples e sem qualquer tipo de intervenção; o aprendizado era passado de um aluno para o outro, quem sabe fazer ensina para quem não sabe - isso se torna muito significativo para eles, pois percebem que também são detentores do saber e que podem ensinar e aprender com os colegas, trabalhando dentro da metodologia da sementeação e disseminação.



Na foto acima os alunos discutiam sobre os objetos que precisavam criar para a vinheta do grupo "Ratinho Explorador"

"(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção."

Dentro da oficina de Stop Motion a busca para a solução de problemas é uma etapa muito importante para o processo de filmagem. Quando as crianças criam o seus roteiros são incentivadas a darem asas à imaginação, nenhum obstáculo é posto neste momento; entretanto, quando passamos a decupar o roteiro para a especificação de cada cena, os alunos devem descrever como cada uma seria gravada, aí sim os problemas se colocavam frente aos alunos: como fotografar algo dando a impressão de que o objeto está voando, como passar de um ambiente para o outro, como transmitir sentimentos sem palavras? Enfim, muitas respostas precisam ser obtidas, e neste momento os alunos são convidados a buscarem soluções para cada um dos percalços encontrados.

O que pode dar certo? O que pode dar errado? O levantamento de hipóteses e testes para comprová-las eram feitos neste momento. E mesmo que os alunos se voltassem à professora buscando uma resposta, o que eles recebiam era apenas mais uma pergunta.

O Stop Motion nada mais é do que a "arte de enganar os olhos"; para alcançar esse objetivo a criatividade é um instrumento primordial. Nesse sentido cabem as palavras do diretor do PEII Alexandre Bastos: "As aulas de Stop Motion da professora Gabriela estimulam a imaginação e a criatividade das crianças; o termo 'criatividade' deriva do termo 'criare', em latim, do qual também deriva a palavra criança. Então, quando a gente possui uma oficina, aqui no PEII Itaquaduba, que desenvolve a criatividade das nossas crianças, a gente está fornecendo elementos bem esculturais que elas vão carregar para a formação e visão de mundo que elas vão carregar por toda a vida"

Neste processo de descoberta e criação de soluções tive que me redescobrir como educadora, pois tenho mais tempo de vida que meus alunos: vi mais filmes,

tive mais descobertas, li mais livros e percebi o quanto é difícil não dar a solução pronta. Em quantos momentos me vi com a resposta na ponta da língua, mas eu não podia dá-la, tinha que vir deles...

Mas quão recompensador é poder ver uma criança descobrindo que é capaz de solucionar, sozinha, um problema, de achar dentro de si uma ideia, mais ainda, poder vivenciar algo que as vezes nem eu, a professora, tinha imaginado!

Volto, neste momento, ao nosso querido Paulo Freire: "É preciso que pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender".

Mais do que professora, sou aluna, aquela de olhos brilhantes na primeira carteira da sala, observando coisas incríveis, observando descobertas, testemunhando a capacidade daqueles pequenos seres, tão cheios de curiosidades, de ideias, de desejos e sonhos. E afirmo sem medo, que se deixarmos que os alunos se mostrem para nós, poderemos notar em cada um deles coisas incríveis e maravilhosas, habilidades que nem imaginávamos que estavam lá.



Na foto acima observamos o grupo "Máquina Fantástica" trabalhando de forma autônoma, enquanto a professora faz anotações sobre o trabalho que está sendo desenvolvido.

Herbert Read

A Educação pela Arte

"O objetivo da educação, portanto, só pode ser o de desenvolver, juntamente com a singularidade, a consciência social ou reciprocidade do indivíduo. Como resultado das infinitas permutações da hereditariedade, o indivíduo será inevitavelmente único, e essa singularidade, por ser algo que ninguém mais possui, será de valor para a comunidade. Ela pode ser uma maneira única de pensar ou sorrir - mas que contribui para a variedade da vida. Mas pode ser uma maneira única de ver, pensar, inventar, expressar a mente ou a emoção - e, neste caso, a individualidade do homem pode constituir um incalculável benefício para toda a humanidade. Mas a singularidade não tem nenhum valor prático quando isolada. Uma das mais acertadas lições da moderna psicologia e das recentes experiências históricas é que a educação deve ser um processo não apenas de individualização, mas também de integração, que é a reconciliação entre a singularidade individual e a unidade social".

As palavras de Herbert Read vão ao encontro de uma das mais significativas descobertas da oficina de Stop Motion, a contribuição individual para o grupo. As oficinas multisseriadas são oficinas eletivas e a formação do grupo se dá de forma aleatória, trazendo para dentro da sala de aula um grupo heterogêneo. Mas são justamente essas diferenças que fazem com que o trabalho seja mais rico e produtivo; dentro da oficina é possível descobrir novas habilidades e aproveitar cada uma das individualidades. Quanto mais diverso o grupo, mais criativo e maravilhoso se torna o trabalho!



Na foto acima podemos observar os alunos do grupo "GiganteFilmes" trabalhando no projeto coletivo do filme Dino, a câmera capta o objeto que está sobre a mesa, enquanto o projetor mostra na parede da sala as imagens que são captadas.



Na foto acima uma das cenas do filme "Uma aventura na Biblioteca", uma pareceria entre a oficina de Stop Motion e a Biblioteca Municipal do Bairro.

Durante a oficina muitas coisas incríveis aconteceram e dois casos em particular me chamam a atenção e, com certeza, têm um lugar especial guardado no meu coração... O primeiro caso é de um menino absolutamente criativo, mas com muita dificuldade de socialização e que inclusive já sofreu bullying por não "se enquadrar nos padrões"; ele vive num mundo de sonhos, está sempre fazendo reflexões sobre os assuntos mais aleatórios possíveis, e foi justamente essa habilidade de pensar fora da caixinha que o levou a ser um destaque na oficina: além de sempre trazer novas ideias, sugestões e soluções, ele nunca se dava por vencido! Nas filmagens do grupo "Maluquetes do Pedaco", por exemplo, tivemos inúmeros percalços, muitas vezes voltamos para a sala de aula frustrados por algo que não tinha saído como planejado e ele sempre trazia um novo olhar, uma nova tentativa. Percebo que essa atitude auxiliou muito o grupo e fez com que os colegas tivessem um novo olhar para ele.

Outro caso foi o de uma aluna que eu considerava uma grande incógnita, era uma aluna calada e muitas vezes se mostrava alheia às aulas. Eu não entendia se era falta de vontade, se faltava compreensão aos conceitos trabalhados em sala, simplesmente não sabia... Mas quando iniciamos o trabalho com o equipamento profissional ela demonstrou que, na verdade, era uma pessoa muito observadora, que aprendia vendo; um dia, ela pediu para trabalhar no computador tirando as fotos e observando pequenos detalhes, pequenos errinhos que acabavam atrapalhando o processo, como uma sombra que não deveria estar na cena ou um objeto que acabou mudando de lugar entre uma foto e outra. Ela me mostrou que os alunos nem sempre agem conforme o esperado, mas que se confiarmos neles, eles nos mostrarão do que são capazes.

Antoni Zaballa

Pedagogia de projetos

"Será necessário oportunizar situações em que os alunos participem cada vez mais intensamente na resolução das atividades e no processo de elaboração pessoal, em vez de se limitar a copiar e reproduzir automaticamente as instruções ou explicações dos professores. Por isso, hoje o aluno é convidado a buscar, descobrir, construir, criticar, comparar, dialogar, analisar, vivenciar o próprio processo de construção do conhecimento."

O trabalho por projetos norteia todo o funcionamento do PEII Itaquanduba, desde a escolha feita pelos alunos de quais oficinas querem fazer até o planejamento dos professores.

Essa "nova" forma de ensinar é extremamente recompensadora, pois notamos um envolvimento real em cada um dos alunos, onde podem trazer para dentro da sala de aula os seus próprios conhecimentos e, junto com o professor, caminhar buscando respostas às suas curiosidades e inquietações.

O outro lado dessa moeda é fazer com que os educadores saiam das 'caixinhas', não fomos formados nesse formato de educação; na verdade, não fomos formados nem para lidar com as diferenças dos alunos!

É um processo muitas vezes doído, pois é preciso se reavaliar a cada passo, é preciso admitir que não temos todas as respostas, é ver que nem sempre acertamos, porém, conseguimos voltar para a sala de aula no dia seguinte e tentar mais uma vez!

Percebo que ainda tenho um longo caminho pela frente, mas poder participar desse processo



Nas fotos desta página vemos dois momentos diferentes da aula, acima as crianças montando o cenário para o filme "Dino e a grande Busca" e abaixo, eu, conversando com eles sobre a chuva que ia cair na cena e dialogando sobre a melhor forma de fazer isso ; também um bocadinho de todo o material tecnológico que usamos.

de construção de conhecimento pelos próprios alunos, poder ver a evolução de cada um, presenciar o despertar de novas habilidades e o reconhecimento da individualidade de cada um para o funcionamento orgânico do grupo, nada disso tem preço!

Esse trabalho me fez crescer como ser humano, me tornou mais empática, me faz olhar para as pessoas buscando aquele algo incrível que todos nós temos e que, as vezes, fica escondido num lugarzinho escuro, pois não sabemos nos valorizar nas nossas diferenças e peculiaridades.

Sou muito grata aos meus alunos pela paciência que ele têm tido comigo nesses anos que estamos juntos, pois tenho aprendido todos os dias o que é ser professora e, nesse processo, eu erro, eu me atrapalho, eu me frustro comigo mesma! Mas poder voltar para a sala de aula e ter os meus pequenos me esperando, ter os meus alunos ali, loucos por mais aulas, é todo o combustível que eu preciso para voltar todos os dias!



Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 26ªed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

LIPMAN, Mathew. **Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994

MOURA, Daniela Pereira de. **Pedagogia de Projetos**: contribuições para uma educação transformadora.

PURVES, Barry: Stop-Motion. Porto Alegre: Bookman, 2011

READ, Herbert. A educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001